

A antropologia na sala de aula: uma etnografia sobre o Projeto Literatura na Escola do Campo, assentamento Palmares II, Parauapebas (PA)¹.

Genisson Paes Chaves – UFPA/PA²

Anael Souza Nascimento – UFPA/PA³

Resumo: No presente artigo analisamos o projeto intitulado “Literatura na Escola”, desenvolvido com alunos do 4º ano, na Escola Oziel Alves Pereira, localizada no assentamento Palmares II, município de Parauapebas, estado do Pará, durante o ano letivo de 2023. Partindo da noção antropológica de alteridade e do papel transformador que o mundo das letras desempenha em nossas vidas, este projeto incentivou seus alunos-participantes a refletirem, bem como a produzissem narrativas que evidenciassem o respeito às diferenças e por conseguinte, o combate ao racismo e outros tipos de discriminação. O projeto é um desdobramento de uma iniciativa anterior, ocorrida no ano de 2022. Como resultado, um livro foi montado, englobando contos e desenhos que versaram sobre o Dia da Consciência Negra e a luta contra o racismo. A experiência revela a importância de se usar os conhecimentos antropológicos na educação básica, embora muitos desafios ainda precisem ser enfrentados para a sua completa implementação. Além disso, o envolvimento da comunidade e a valorização das diversas culturas presentes no ambiente escolar são essenciais para promover uma educação inclusiva e transformadora.

Palavras-chave: Antropologia; Literatura; Educação Camponesa.

1. Introdução



Figura 01: Desenho elaborado por Isabely Carvalho. Foto: Genisson Paes, 2024.

¹ "Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)"

² Doutorando e mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável pela UFPA e Embrapa Amazônia Oriental.

³ Doutoranda e mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável pela UFPA e Embrapa Amazônia Oriental.

Começamos este texto com o desenho de Isabely Carvalho, aluna do 4º ano, de uma escola camponesa localizada na Amazônia, para refletirmos sobre um dos aspectos de nossa sociedade, que diz respeito ao fato de que brasileiros e brasileiras de diferentes camadas sociais, especialmente das mais privilegiadas, acreditarem que nosso país não é um país racista, embora os dados presentes em diferentes veículos de comunicação afirmarem o contrário. De acordo com o Instituto Ipec⁴, “8 em cada 10 pessoas consideram o Brasil um país racista”. Este dado “foi confirmado por 81% das pessoas ouvidas em um estudo inédito sobre a percepção do racismo na sociedade brasileira. Ao se olhar no espelho, porém, poucos se enxergam como alguém capaz de ter atitudes racistas – apenas 11% admitem o preconceito”, é o que reforça o referido levantamento.

Em testes onde crianças brancas e negras têm que optar por qual das bonecas é a mais bonita, vemos crianças negras escolhendo bonecas brancas como sendo as mais bonitas, mesmo elas reconhecendo que são mais parecidas com as bonecas negras⁵. Outros testes que simulam situações em que crianças se encontram perdidas fica evidente que as crianças brancas são ajudadas em tempo menor se comparadas com as crianças negras, é o que revela o experimento social realizado pelo Best Of Web, que demonstrou que uma menina negra foi 4 vezes mais rejeitada do que uma menina branca⁶.

Pais de uma criança nascida em Goiânia (GO) compartilharam uma foto, nas redes sociais, para comemorar a chegada do recém-nascido. Ao invés de receberem mensagens de felicitações, receberam uma chuva de preconceitos, questionando se realmente eram os pais do bebê, já que eles eram negros e a criança não: “*Tenho minhas dúvidas se o menino é filho deles*”; *‘O menino foi trocado na maternidade’*; *‘Não tem cabimento pais negros gerarem filho branco’*; *‘Estranho a cor do garoto em relação aos pais’*, escreveram alguns internautas. *‘Não imaginávamos passar por isso, mas infelizmente estamos nos pronunciando com o coração partido’*”, ressaltaram de maneira consternada os pais da criança (METRÓPOLES, 2021).

No Brasil, as pessoas negras são humilhadas e discriminadas, é o que demonstra uma pesquisa do Instituto Locomotiva⁷, que revelou que:

61% dos brasileiros presenciaram uma pessoa negra (preta ou parda) sendo humilhada ou discriminada devido à sua raça/cor em lojas, shoppings,

⁴ “A pesquisa foi realizada pelos pesquisadores do instituto Ipec, com brasileiros de mais de 16 anos em 127 municípios ao longo do mês de abril. A amostra é semelhante à de pesquisas eleitorais de abrangência nacional” (Carta Capital, 2023).

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CdoqqmNB9JE>. Acesso em: 24/06/2024.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MxXztlWGj1w>. Acesso em: 24/06/2024.

⁷ A pesquisa foi realizada com 1630 entrevistados em 72 cidades do país entre os dias 15 e 20 de abril de 2021.

restaurantes ou supermercados. O percentual aumenta para 71% quando pretas. Além disso, 69% [das] pessoas negras já foram seguidas por seguranças em lojas. Entre as pessoas pretas, o percentual atinge 76%. Além disso, 89% dos brasileiros reconhecem que as pessoas negras sofrem mais violência física do que as brancas (EXAME, 2021).

O preconceito só não é sentido para aqueles que não são alvos de discriminação, ou seja, que podem ir e vir em diversos tipos de estabelecimentos comerciais sem serem suspeitos, na medida em que não tem cara, pois o preconceito tem cara, cor e corpo. Buscando fazer com que crianças da educação infantil, de uma escola pública e camponesa, refletissem sobre essa situação, trouxemos a antropologia para a sala de aula, com a intenção de discutir nossas diferenças e de como os preconceitos nos afetam.

Conforme Andrade, Ribeiro e Santos (2023, p. 120):

No Brasil, a estrutura racial é fundamentada por uma história construída e disseminada sob a ótica, os valores e o poder dos brancos, reforçada pela ideologia sobre a identidade nacional baseada na miscigenação harmônica das três raças, que mascara a desigualdade racial e ajuda a mantê-la.

Neste artigo analisamos o projeto intitulado “Literatura na Escola”, desenvolvido com alunos do 4º ano, na Escola Oziel Alves Pereira, localizada no assentamento Palmares II, município de Parauapebas, estado do Pará, durante o segundo semestre de 2023. Partindo da noção antropológica de alteridade e do papel transformador que o mundo das letras desempenha em nossas vidas, o projeto em questão incentivou seus alunos-participantes a refletirem, bem como a produzissem narrativas que evidenciassem o respeito às diferenças e por conseguinte, o combate ao racismo e outros tipos de discriminação.

O projeto é um desdobramento de uma iniciativa anterior, ocorrida no ano de 2022, juntamente com quatro turmas do segundo ciclo (uma do quarto ano e três do quinto). Como resultado deste projeto, um livro foi montado, englobando contos e desenhos acerca das temáticas desenvolvidas⁸

Optamos por trabalhar com contos por serem narrativas breves, mas que muito podem revelar sobre as nossas mais diversas experiências humanas. As narrativas tiveram como norte o Dia da Consciência Negra⁹, já “que 55,5% da população [brasileira] se

⁸ Quando cursava a graduação em Ciências Sociais, um dos autores deste artigo escutou, em um encontro ocorrido na Universidade Federal do Pará, instituição em que se formou, um dos participantes dizer que “muitos professores da educação básica têm práticas de pesquisa interessantes, o problema é que eles não as divulgam”. E isso ficou martelando em sua cabeça e o incentivou, quando começou a trabalhar em sala de aula, a desenvolver projetos e trazer essas experiências ao público em geral.

⁹ Dia da Consciência Negra, que neste ano de 2024 foi decretado pelo Presidente Lula como feriado de abrangência nacional.

identifica como preta ou parda” (AGÊNCIA BRASIL, 2023) e pelo fato de o Brasil ser um país onde presenciamos, diariamente, situações envolvendo esse tipo de preconceito.

As observações aqui apresentadas foram construídas a partir dos referenciais antropológicos. Nesse sentido, fizemos uma etnografia da sala de aula. Essa etnografia contou com observações diretas e participantes, a partir do olhar de um dos autores que trabalha na referida escola, como professor, desde meados de 2018. Além de ser pedagogo, este professor é formado em Ciências Sociais, com concentração em Antropologia. Parafraseando a antropóloga Ellen Woortmann (2009, p. 128) que diz que “Para entender o camponês é preciso olhar o mundo através dos ‘óculos’ pelos quais ele o lê”, “os óculos” pelos quais este autor enxerga o mundo é, portanto, influenciado pelo que aprendeu com a antropologia.

Na antropologia nada é natural, tudo é construído socialmente. O que significa dizer que ninguém nasce preconceituoso, as pessoas se tornam. E assim como elas se tornam, elas podem se desconstruir, isto é, arrancar de si a raiz do preconceito que, dentre diversos elementos, está associado ao medo diante do desconhecido e do fato de que muitas pessoas se julgam superiores às outras por uma série de condicionantes socioculturais.

2. O assentamento Palmares II e a Escola Oziel Pereira

Palmares II (ver figura 02) é um assentamento construído a partir das lutas dos trabalhadores rurais sem terra (MST). O assentamento está localizado a 22 km de distância da cidade de Parauapebas. “As famílias ali estabelecidas, em sua maioria, trabalham nos roçados, cultivando mandioca, hortaliças etc.; nas escolas do assentamento e no comércio local. Outros trabalham diretamente para a empresa Vale ou empresas que prestam serviços a esta” (CHAVES e NASCIMENTO, 2024, p. 3-4).

Conforme Brito (2015, p. 27-28):

O assentamento possui duas zonas com funções e paisagens distintas, mas que se complementam, a denominada de *loteamento agrícola* e a chamada de *agrovila*. A primeira é o espaço destinado à produção agropecuária, a paisagem aqui se caracteriza pela vasta extensão de terras, com leguminosas, frutas [...], com gado, outros tipos de animais, ou também com um pouco de cada um. Os lotes nessa área possuem um distanciamento consideravelmente grande um do outro já que em sua maioria medem 6 Alqueires, observando que a divisão de lotes do início do assentamento foi acertada em 6 alqueires para o loteamento agrícola e um terreno 20 por 30 metros para a zona da agrovila. A agrovila por sua vez, possui uma localização mais próxima da cidade, e diferentemente do loteamento agrícola, não é destinada à produção de alimentos agrícolas. A agrovila já possui um maior número de serviços disponíveis, lá se encontra a Escola Crescendo na Prática, o posto de saúde do assentamento, diversos

mercadinhos, bares, restaurantes, uma praça central, a associação de produtores do assentamento, ou seja, concentra serviços.

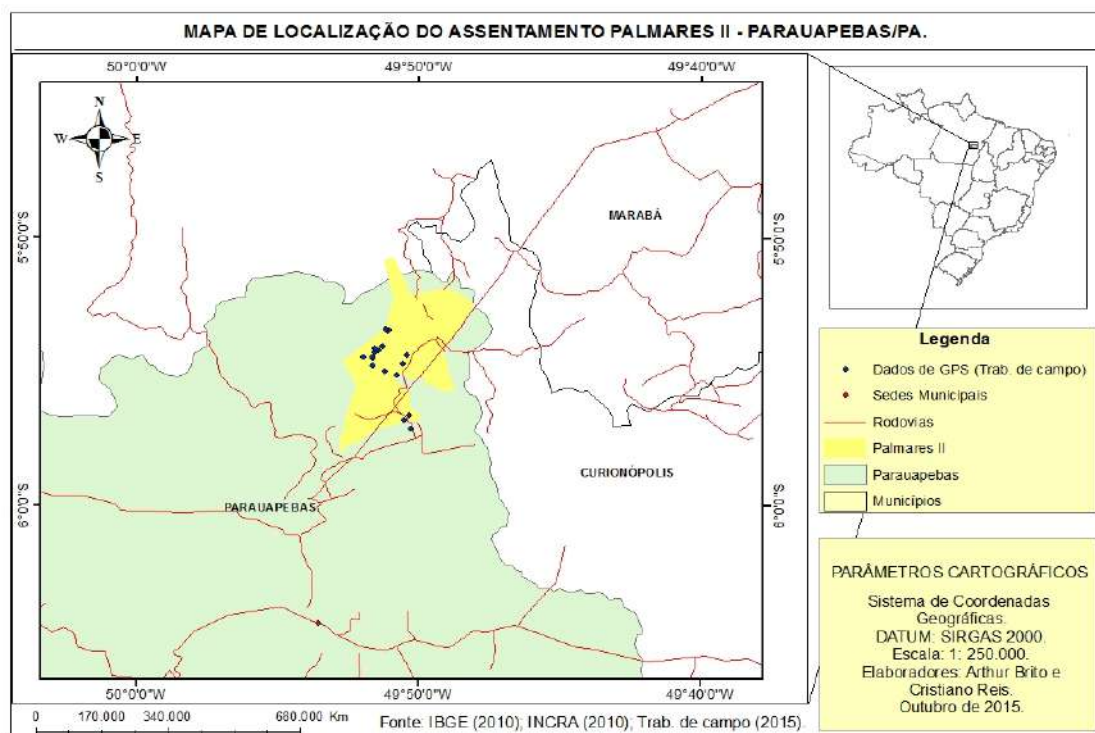


Figura 02: Mapa de localização do assentamento Palmares II. Fonte: Brito, 2015, p. 26.

A escola Oziel Alves Pereira¹⁰ é composta por 668 alunos. Deste total, 310 frequentam o turno da manhã e 358 estudam no turno intermediário. A escola possui 16 salas de aula. Conta com 47 funcionários, sendo 18 professores. Os alunos atendidos pela escola vivem ao redor do espaço em que a escola foi construída, outros moram em locais mais afastados, as chamadas vicinais.

Muitos saem cedo de suas casas para chegar à escola às 11 horas para almoçar e entrar para as salas. Os que moram perto da escola chegam nela a pé ou são trazidos de bicicletas, motos e carros, pelos seus responsáveis. A maior parte, especialmente do turno do intermediário, utiliza os transportes escolares que semanalmente apresentam diversos problemas. Muitos alunos passam dias sem pisar na escola devido os ônibus estarem atolados, quebras, sem gasolina etc.

Estes alunos são, portando, filhos e filhas de camponeses assentados. Muitos são oriundos do próprio município ou dos demais do estado do Pará. Outros vieram de

¹⁰ “O nome da Escola homenageia Oziel Alves Pereira, um jovem, filho de assentados e que morava no assentamento Palmares, no município de Parauapebas (PA). Oziel foi morto no dia 17 de abril do ano de 1996, em um episódio que ficou conhecido como “O Massacre de Eldorado do Carajás”, onde 19 trabalhadores foram brutalmente assassinados na rodovia PA 150, às proximidades do município de Eldorado do Carajás, no trecho conhecido como curva do S” (CHAVES e NASCIMENTO, 2024, p. 14).

diferentes estados brasileiros, especialmente do estado do Maranhão. Essa diversidade de origens propicia a existência de uma rica rede de visões de mundos, falas, experiências, dentre outros.

3. Combatendo o racismo na sala de aula

A Escola Oziel Alves Pereira é composta, em sua maioria, por crianças autodeclaradas negras. Em 2023, um dos autores foi professor de duas turmas do 4º ano. Como o referido professor é escritor e já havia desenvolvido um projeto voltado para a construção de poesias¹¹, este buscou dar prosseguimento à prática anterior, mas agora focando na construção de contos.

“Sobre o ensino de Antropologia no Brasil, é possível afirmar que a maior parte das reflexões se concentra na graduação e na pós-graduação” (FROES, 2023, p. 93). Buscando trabalhar com o ensino da antropologia na educação básica, na medida em que “a alteridade é uma questão central em sala de aula, e [...] a Antropologia pode trazer contribuições importantes” sobre o tema (OLIVEIRA, 2023, p. 24), o projeto em questão aproveitou o Dia da Consciência Negra, comemorado no dia 20 de novembro, para refletir sobre cultura, diferenças e a importância de se combater o racismo dentro e fora da escola.

Conforme Oliveira e Silva (2014, p. 3):

(...) embora a Antropologia não configure o nome da disciplina na educação básica, ela tem muito a contribuir com o ensino e pode vir a realizar grande mudança social, tendo em vista que é um conhecimento que procura revelar o sentido das ações dos grupos sociais e isso torna o entendimento do outro possível, gerando novas formas de agir e instigando a busca por explicações e entendimentos sobre realidades e noções já naturalizadas.

Em sala de aula, a antropologia pode fazer com que os alunos percebam as diferenças como um dos elementos da vida. Que somos diferentes por uma série de fatores e que essas diferenças não podem nos impedir de estabelecer relações com o outro. Dessa forma:

Pode-se dizer que o ensino de antropologia auxiliará os alunos da escola básica, futuros profissionais, membros de uma sociedade, participante de grupos sociais diversos a se relacionarem com o outro e compreendê-los a partir de seu próprio espaço social, sem preconceito, ou com um olhar um pouco menos etnocêntrico. (OLIVEIRA e SILVA, 2014, p. 2)

Acompanhando as situações do dia a dia e tendo como base o conceito de “escrevivência” (EVARISTO, 2020), isto é, uma escrita feita com e a partir do contexto

¹¹ Ver CHAVES e NASCIMENTO (2024).

e das próprias experiências, os alunos da Escola Oziel Alves Pereira se debruçaram sobre seus próprios dilemas e curiosidades.

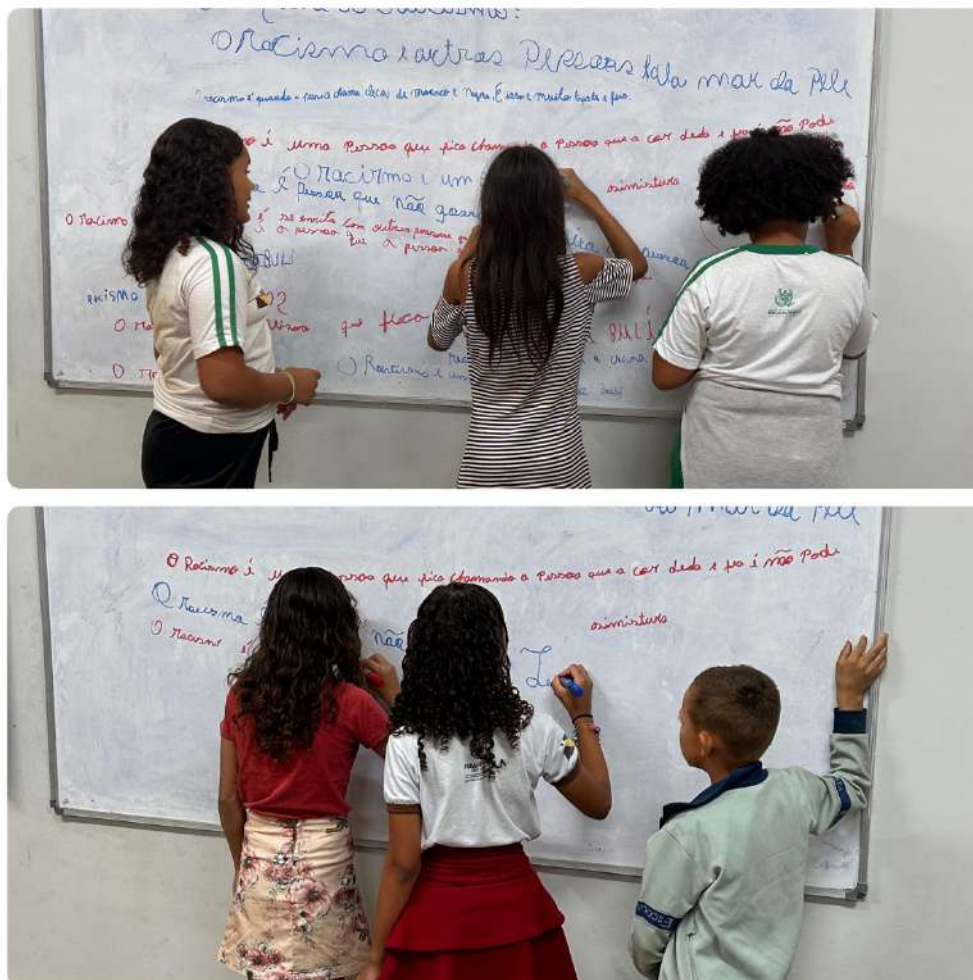


Figura 03: Alunos respondendo à pergunta “O que é racismo?”. Foto: Genisson Paes, 2023.

No primeiro encontro, o professor colocou a pergunta “O que é o racismo?” no quadro negro e pediu para que cada aluno escrevesse o que entendia sobre o assunto, ver figura 03. “Chamar as pessoas de feias, pretas, horríveis, burras, falar que a pessoa não é bonita, falar que o cabelo é feio, tratar as pessoas mal só porque são negras, o racismo é bullying”, foram algumas das respostas dadas pelos alunos.

Posteriormente a esse momento, foram feitas leituras de textos literários, especialmente de poesias, fábulas e contos. Em seguida, mediante rodas de conversas, os alunos discutiram pontos de seu interesse. Em seguida, foram incentivados a analisar textos, respondendo aos questionamentos levantados pelo professor. A partir disso, os alunos foram incentivados a produzir seus textos, sempre relacionando-os com os seus contextos, isto é, com os locais em que vivem, os espaços em que circulam, as relações

que estabelecem com a família, com os amigos, os vizinhos, com o que escutam nas rádios e o que observam passar na televisão e em outros veículos de comunicação. Isso se faz importante, na medida em que:

O professor pode orientar os alunos na realização de pesquisas de campo no próprio espaço escolar, dentro da comunidade que reside, na rua em que mora etc. Essa técnica desenvolverá nos alunos o gosto pela pesquisa, além de desenvolver o hábito investigativo, de análise e crítica de um fato, pois o professor pode sugerir questionamentos e propor aos alunos que investiguem na sua comunidade ou bairro o impacto de um assunto, a opinião da população sobre um determinado fenômeno, etc. (OLIVEIRA e SILVA, 2014, p. 5)

Ao final desta experiência foi elaborado um livro de contos constituído por 24 histórias e 18 ilustrações, evidenciando narrativas sobre violência, falta de respeito e preconceitos ligados à cor e às origens. Para compor a capa do livro foi feito um pequeno concurso. Todos os alunos fizeram o seu desenho. Foi selecionada a ilustração em que há uma menina negra usando um belo vestido. Suas mãos estão voltadas para trás. Acima da menina há uma esfera onde é possível ver quatro mãos, de cores diferentes, equilibrando um coração, também pintado de cores diferentes. O desenho foi feito pela aluna Gabrielly Tavares da Silva, do 4º ano 01 (Figura 4).



Figura 04: Capa do livro de contos. Foto: Genisson Paes, 2024.

Alguns alunos fizeram uma espécie de texto dissertativo-argumentativo para expor os males provocados pelo racismo. Um desses alunos é Natalia Freitas, do 4º ano 01, que descreve sobre o Dia da Consciência Negra. Segundo ela:

“O dia 20 de novembro é uma data importante. O preconceito é muito feio, também pode causar depressão e morte. Então temos que parar com o preconceito porque não queremos ver nossos amigos e amigas tristes. Então não devemos julgar as pessoas só porque elas não têm a mesma cor de pele que a gente. Não importa se a nossa pele não é igual da pessoa que nos julgou. Nossa pele não importa, o que importa é que nós somos irmãos”

Em seu texto, Natalia Freitas ressalta a importância do dia 20 de novembro e os males que o preconceito acarreta para quem o vivencia. Entre estes há a depressão e o suicídio. A autora também nos faz perceber que a cor de nossa pele não importa, o que importa é que todos nós somos irmãos, isto é, pessoas iguais às outras. Os efeitos negativos do racismo também são destacados por Daniel Gaioso, aluno do 4º ano 01: *“Os maus que causa faz as pessoas ficar julgando pela pele, pelo cabelo e também pelo estilo. O racismo pode causar muitas coisas nas pessoas. Por exemplo, dores, julgamentos, ser presos e também mortos”*.

Emilly Lopes, aluna do 4º ano 01, chama a atenção para o fato de que o racismo não é um problema recente, mas bastante antigo e ressalta que pessoas negras também sentem dor, assim como as pessoas brancas, pois são seres humanos assim como os demais: *“O racismo não é brincadeira. O racismo é sério. Racismo não deveria existir. Mas o racismo não é de agora. Racismo é desde a história do homem e da mulher. É agora que a sociedade veio entender que nós pessoas negras, também sentimos dor, fome, sede. Tudo que as pessoas brancas sentem”*.

Rirára Magalhães, aluna do 4º ano 04, descreve os locais em que o racismo acontece. Em seu texto é possível inferir que não há um único lugar onde esse tipo de violência ocorre:

“O racismo é... O racismo pode ser visto em muitos lugares do mundo, como nas escolas, em lugares públicos, em praças e em muitos lugares também. Por isso que não podemos empurrar o colega, chamar as pessoas, falar mau do próximo e causar confusão com quem não conhece e não julgar as pessoas pela sua cor de pele e o seu cabelo porque devemos gostar de nós do jeito que nós é”.

Já Mateus Trindade, aluno do 4º ano 04, nos ensina que é nosso dever ajudar os negros e faz um apelo, o de não julgar as pessoas pela tonalidade da sua cor:

“Devemos ajudar os negros. Nós não podemos sorrir do colega só porque ele é negro, nós somos todos iguais, não importa a cor, se é

branco, negro ou moreno, não importa a cor. Nós não podemos xingar o colega porque ele é negro, nós devemos ajudar os negros a serem respeitados porque os negros [são] humanos como nós. O meu amigo é muito bom. Ele é negro, eu respeito ele e ele me respeita. Ele brinca lá na minha casa”

Mateus Trindade, aluno do 4º ano 04, ao construir seu conto, desenha duas crianças jogando futebol perto de sua casa. Tanto em seu texto como em seu desenho, vemos duas crianças se divertindo. A brincadeira faz desaparecer qualquer tipo de diferença ou mesmo que ela apareça, seus contornos não ganham forma, pois aqui o preconceito não faz morada. Em *“O menino da floresta e o gatinho”*, Isabella Bento, aluna do 4º ano 01, fala sobre os maus-tratos contra um indefeso gatinho, motivado por inveja, o que faz um pequeno grupo atraí-lo para uma armadilha com a intenção de machucá-lo. Por sorte, um menino chega e evita que o pior aconteça. O que está por trás disso tudo é a cor da pele. Como diz a autora: *“você é negro e nem é da minha cor”*.

Em *“A floresta e os negros”*, de Caroline Lima, aluna do 4º ano 01, uma mulher negra é presa pelo fato de ter denunciado um homem que tentou matá-la. Ele era branco. Ao invés de receber o suporte necessário, a mulher é hostilizada, como se fosse a culpada e não a vítima: *“Até o policial é preconceituoso. O policial tem preconceito com gente gorda. E o policial é magro e branco. Tem homem que tem preconceito com mulher, tem homem que bate em mulher”*.

Em *“A menina que sofria bullying”* Ana Brandão, aluna do 4º ano 04, descreve a vida de uma criança negra que sofre preconceito. Tudo muda quando uma nova aluna aparece. As duas são alvo de racismo, viram amigas e os culpados são expulsos da escola. Em *“A Maria que não tinha um pai porque ele tinha falecido”*, Maria Eduarda Araujo, do 4º ano 01, narra a relação nada amistosa entre mãe e filha. As duas não se dão bem porque a filha não cuidava da casa como a mãe queria. A mãe voltava do trabalho com raiva. Por isso não deixava a menina brincar com os amigos e tudo piorava porque sua mãe enchia sua filha de presentes e brincava com ela. Felizmente, a mãe reconheceu suas falhas e pediu desculpas.

Em *“A menina e o papai”*, Ana Rayelle Silva, aluna do 4º ano 04, relata o preconceito sofrido por parte de um casal que em outra ocasião foi racista com uma pessoa muito importante, levando-os a rever seus preconceitos e a pedir desculpas. Em *“Essa foi a pior e a melhor também”*, Samuel Costa, aluno do 4º ano 01, descreve uma cidade dominada pelo racismo, o que corroborou para que o narrador-personagem fizesse um juramento: *“– Quando eu for maior eu vou proteger essa cidade contra o racismo”*. O

tempo passa e o menino se torna um grande policial que passou a combater o racismo. Em “*Duas amigas*”, Maria Isabella Silva, aluna do 4º ano 04, ressalta o valor da amizade e como ela pode ser uma arma de combate ao *bullying* e ao racismo.

Rirára Magalhães, aluna do 4º ano 04, em “*Os loiros com os índios*” retrata o contato de indígenas e negros com um grupo de viajantes que queria escravizá-los. Após muitas lutas os indígenas e os negros conseguiram expulsar os invasores. Gustavo Deniz, do 4º ano 01, por sua vez, retrata a história de um menino que perdeu seus pais para o racismo, o que acabou fazendo com que ele fosse viver nas ruas, catando latinhas para sobreviver. Ao ser convidado para participar de um programa sobre o Dia da Consciência Negra, o jovem relata a perda dos pais e pede para que o preconceito seja combatido, pois “*as pessoas negras merecem uma vida feliz junto com os brancos*”.

Em “*A árvore e o negro*”, Nicole Ferreira, aluna do 4º ano 01, narrava a história de “*uma árvore que era mágica [e] seus frutos também*”. No conto a árvore ouve uma pessoa branca discriminar uma pessoa negra, chamando-a de feiosa e exigindo ser tratado de forma respeitosa por ser branco. De repente a árvore disse:

“– Não fique triste, sua hora vai chegar.
Ele disse: – *Quem é que falou comigo?*
– *Fui eu, a árvore que falou com você. De repente a árvore começou a brilhar. – Eu sou a árvore mágica. Nossa você é lindo.*
– *Coitadinho de mim.*
– *Agora você vai ficar lindo. Então vou fazer uma mágica em você. Joguei a poção em você, agora é só esperar. Está acontecendo. Você está lindo. Agora você está lindo*”.

Em “*Um passeio no parque*”, Jullia Vidal, aluna do 4º ano 01, fala da relação entre seu eu-personagem e uma nova amiga que ela conhece no parque e que por coincidência é sua nova vizinha. As duas vão juntas para a escola e Victoria, sua nova amiga, sofre preconceito pelo fato de ser negra. Jullia nos ensina que “*Fui até o menino que estava criticando ela e eu disse a ele que se quisesse fazer alguma piada com os outros, era melhor ele guardar as piadas para ele mesmo, até porque isso magoa muito os outros*”.

Em “*Pessoa negra*”, Daniel Gaioso, aluno do 4º ano 01, relata que:

“*Era uma vez, eu estava passeando na rua quando eu vi uma pessoa negra sendo culpada por outra pessoa. O crime fez a pessoa negra ser presa. [...] No outro dia, fui assistir jornal. No jornal eu vi a mesma pessoa sendo presa. A pessoa foi julgada de novo. Alguns dias depois a pessoa negra foi liberada [...]. Algumas horas depois ele estava sendo julgado de novo, mas eu mostrei o vídeo da câmera que estava por perto*”.

Gaioso resalta as injustiças que cotidianamente são cometidas contra as pessoas negras. No desenho abaixo vemos duas pessoas sendo acusadas por um crime.



Figura 05: Acusação sobre crime não praticado. Foto: Genisson Paes, 2024.

Finalizamos este artigo com o conto “A menina negra entre os brancos”, de autoria de Beatriz Alves, aluna do 4º ano 01, com a imagem ilustrativa da narrativa, apresentada de maneira integral.

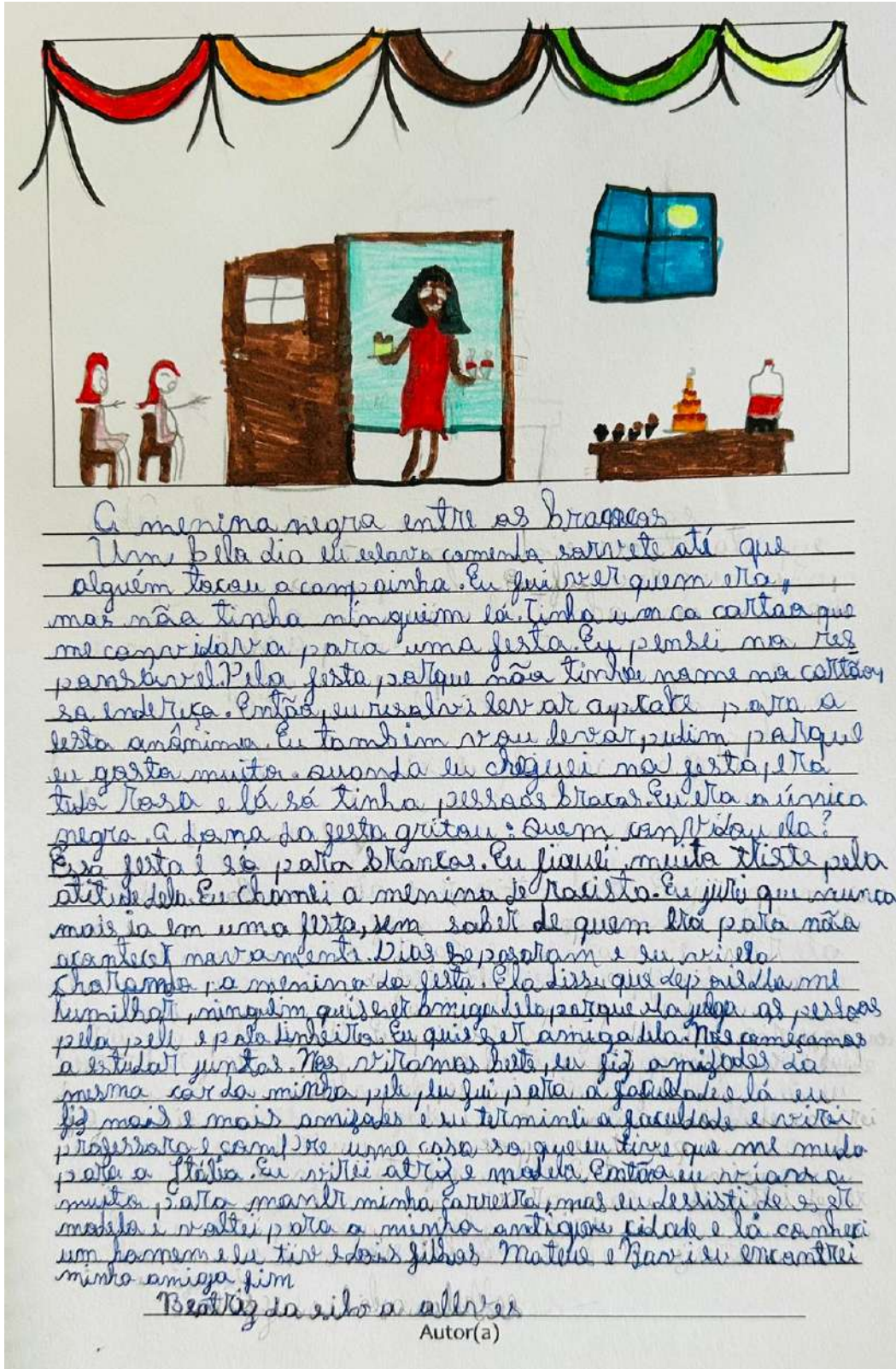


Figura 06: Conto “A menina negra entre os brancos”. Foto: Genisson Paes, 2024.

Conclusões

As produções disponíveis no livro aqui analisado são olhares de crianças, meninos e meninas, que pararam para pensar sobre a importância do respeito, do amor ao próximo, da valorização da alteridade e da necessidade de se combater quaisquer tipos de discriminação. Como se sabe, estes são assuntos bastantes explorados pela Antropologia. Aliás, embora não se faça presente nos ciclos iniciais da educação básica, a Antropologia contribui com a prática docente em sala de aula.

Ao atravessar os portões da escola, alunos e alunas trazem, em suas bagagens culturais, diversos tipos de preconceitos, muitas vezes afirmados por suas próprias famílias e demais agentes responsáveis pelos mais diversos processos de socialização. A escola, se utilizando das ferramentas antropológicas, nos permite compreender “os outros”, a partir de suas próprias especificidades, contribuindo com a formação de cidadãos que possam refletir sobre as diferentes visões de mundo, na medida em que:

As diferenças vão sendo construídas e enfatizadas no convívio social, daí as cores da pele, a fibra do cabelo, os traços do rosto e do corpo vão ganhando valores, vantagens e desvantagens, divisões, hierarquia, poder. Dessa forma, as diferenças vão se tornando desigualdades, pois vão servindo de base para a construção de uma estrutura racial de poder. (ANDRADE, RIBEIRO e SANTOS, 2023, p. 120)

Buscando combater essas hierarquias e estruturas de poder socialmente construídas, a Antropologia tem um papel, sem sombra de dúvidas, extremamente relevante, pois nos permite rever nossas atitudes e nos ensina a perceber que não há cultura superior ou inferior. Há diferenças e são elas que tornam as sociedades humanas únicas e diversas.

A partir das leituras dos textos podemos inferir que as crianças têm consciência do que seja o racismo e dos males por ele provocados. Em “*Como o racismo funciona*”, Emilly Lopes ressalta que:

“Tem pessoas que fazem o racismo, mas acham que não estão praticando o racismo. Mas o que é o racismo? O racismo é chamar de macaco, de cabelo duro e falar algo que machuque alguém. O racismo é crime. Então, não cometam esse crime, gente. Isso pode acontecer com qualquer um, comigo já aconteceu. Eu fazia balé. Certo dia, eu cheguei ao balé, eu sentei perto de uma menina, aí ela estava conversando. Eu fui falar e ela começou a fazer racismo comigo. Eu fiquei parada, chorando e me sentindo mal. Então, não pratique o racismo”.

Nathielle Oliveira, por sua vez, destaca que:

“O racismo tem várias formas de acontecer como na escola, na rua, pela internet, no estádio de futebol. Hoje o preconceito é discriminação

pela raça, a cor do cabelo, a cor da pele. O racismo acontece pelo mundo inteiro (...) [Os negros] são mortos, são xingados de macaco, de várias ofensas. As pessoas negras tem [o] mesmo sangue. É igual, é vermelho, não devemos transformar a cor da pele no problema da sociedade. Vamos mandar o racismo embora”.

Já Gabrielly da Silva, ressalta a importância sobre O Dia da Consciência Negra, como uma forma de rever práticas e de refletir sobre o racismo:

“A consciência negra é para todos, até para mim. Eu adoro minha cor negra. Sempre gostei. Eu sempre tive insegurança com meu corpo. Porém, quando eu conheci o dia internacional da consciência negra, comecei a gostar do meu corpo. Comecei a me amar e me senti confortável com meu corpo. Depois de ser chamada de feia por causa da minha cor negra. Por isso eu nunca gostava da minha cor negra. Eles não deixavam eu entrar nos brinquedos. Porém, todas as vezes que eu lembro do dia 20 de novembro, eu fico feliz”.

Finalizamos este texto com o desenho de Ana Alice Brandão, aluna do 4º ano 04, que destaca a importância de darmos as mãos e ajudarmos uns aos outros para erradicar o preconceito. Sabemos que isso não é uma tarefa fácil, mas graças ao trabalho de muitos, essa dura violência vem sendo denunciada e combatida em diferentes instâncias: em livros e em artigos científicos, na literatura, na música, na internet, em eventos como este, dentre outros.

Mais uma vez reforçamos o papel da Antropologia na sala de aula, pois assim como o desenho de Ana Alice Brandão, a Antropologia nos dá sua mão, fornecendo seus conhecimentos para a elaboração de nossos planejamentos e acima de tudo, contribuindo com a construção de um mundo sem preconceitos, onde as diferenças são respeitadas e valorizadas.



Figura 07: Desenho de Ana Alice Brandão. Foto: Genisson Paes, 2024.

Agradecimentos

Agradecemos a Gabrielly Tavares, Carolaine Sousa, Rirára Magalhães, Mateus Trindade, Isabella Bento, Caroline Lima, Maria Pereira, Nathielle Olvieira, Maria Silva, Natalia Freitas, Ana Brandão, Kayo Chagas, Maria Araújo, Ana Silva, Jasmin Cutrim, Samuel Costa, Beatriz Alves, Emily Lopes, Gustavo Deniz, Kalebe Santos, Jullia Vidal, Marcos Lopes, Daniel Gaioso, Isabely Carvalho e a Nicole da Silva, autoras e autores do livro aqui analisado. Sem vocês este artigo não seria possível. A cada um, nosso muito obrigado!

Referências

AGÊNCIA BRASIL. Maior presença de negros no país reflete reconhecimento racial. Por Bruno de Freitas Moura. Publicado em 24/12/2023. Disponível em: <

ANDRADE, Cleomar Felipe Cabral Job de; RIBEIRO, Mirele Saiara Santos; SANTOS, Emilly Novaes. Antirracismo na educação básica. In: ALENCAR, Breno; TARGINO, Gekbede e ARAÚJO, Marcelo (Orgs.). *Antropologia na educação básica*. Belém: Editora IFPA, 2023, p. 109-124.

BRITO, Arthur Erik Monteiro Costa de. *Dialéticas campo-cidade em assentamentos de reforma agrária na Amazônia: Paisagem e campesinato no assentamento Palmares II - Parauapebas – PA*. 65 folhas. Monografia (Graduação em Geografia) -Universidade do Estado do Pará, 2015.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima e NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Ilustrações Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.

CARTA CAPITAL. 8 em cada 10 pessoas consideram o Brasil um país racista, aponta estudo. Por Mariana Serafini. Matéria divulgada no dia 27.07.2023. Disponível em: <

CHAVES, Genisson Paes; NASCIMENTO, Anael Souza. “Na poesia eu posso expressar o mundo”: uma análise sobre o Projeto Literatura na Escola, assentamento Palmares II, Parauapebas (PA). *Revista Cocar*. V.20 N.38/ 2024 p.1-14. Disponível em: <[>". Acesso em 23/06/2024.](https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7861/3545)

EXAME. No Brasil, 84% percebe racismo, mas apenas 4% se considera preconceituoso. Por Marina Filippe. Publicado em 28 de abril de 2021. Disponível em: <<https://exame.com/negocios/no-brasil-84-percebe-racismo-mas-apenas-4-se-considera-preconceituoso/>>. Acesso em 23/06/2024.

FROES, Livia Tavares Mendes. O que sabemos sobre os povos indígenas? In: ALENCAR, Breno; TARGINO, Gekbede e ARAÚJO, Marcelo (Orgs.). *Antropologia na educação básica*. Belém: Editora IFPA, 2023, p. 93-105.

OLIVEIRA, Rúbia Machado de. SILVA, Juliana Franchi da. A presença da Antropologia no Ensino Básico. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN. Disponível em: <https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401715997_ARQUIVO_TRABALH_ORBA2014rubiaejuliana.pdf>. Acesso em 27/06/2024.

OLIVEIRA, Amurabi. Por uma Antropologia na Educação Básica. Prefácio. In: ALENCAR, Breno; TARGINO, Gekbede e ARAÚJO, Marcelo (Orgs.). *Antropologia na educação básica*. Belém: Editora IFPA, 2023, p. 17-26.

METRÓPOLES. Por Laura Braga. Publicado em 30 de agosto de 2021. “Inadmissível”, diz pai negro questionado pela cor do filho. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/inadmissivel-diz-pai-negro-questionado-pela-cor-do-filho>>. Acesso em 05/07/2024.

WOORTMANN, Ellen F. O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações. In: GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo (orgs.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias*, v. 2: estratégias de reprodução social. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 119-129.